

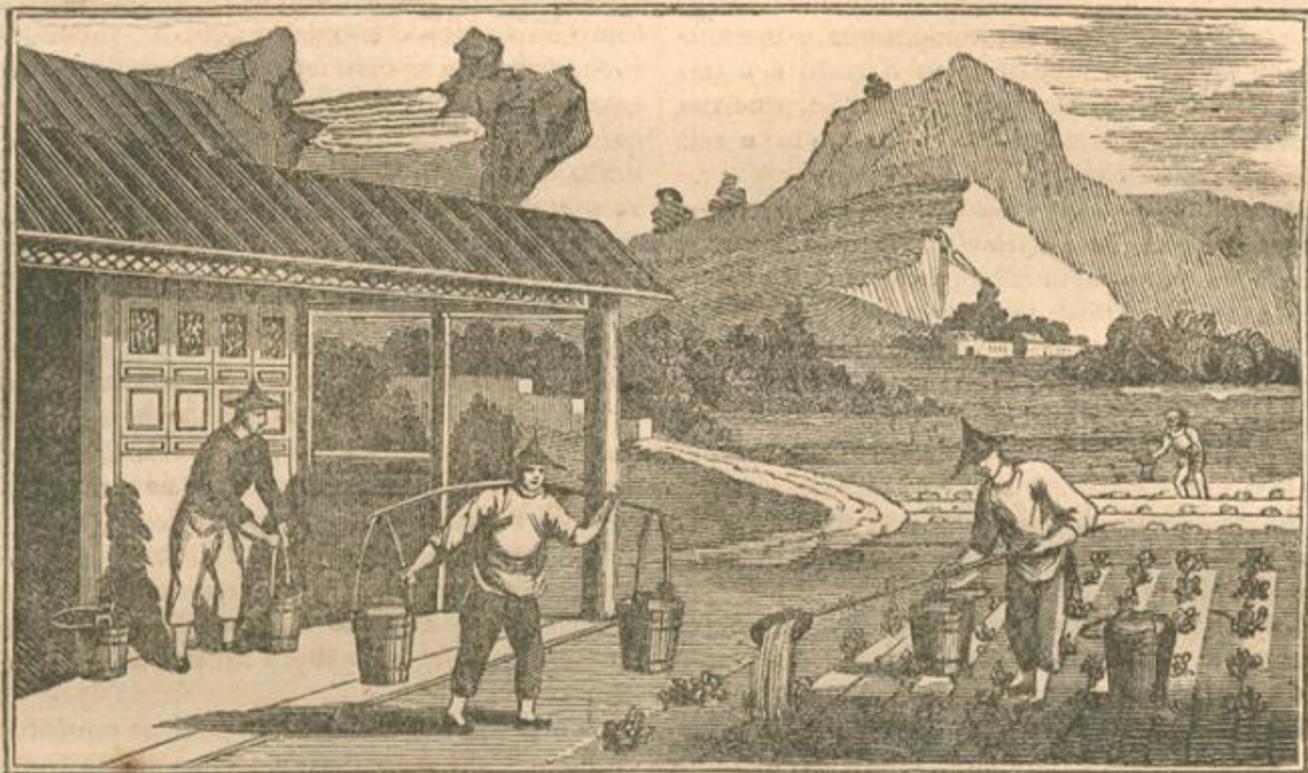
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

50) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (ABRIL 14, 1838



CULTURÁ DO CHA'.

NOTICIA ACERCA DO CHA' DA INDIA.

[*Thea viridis.* — LIN.]

1.^o

O uso do chá é tão frequente, e espalhado hoje pela Europa, que julgamos todos se acharão em circumstancias de avaliar os seus bons ou maus effeitos, sem dependencia das impertinentes paginas, que a este respeito se tem escripto, ou exaltando ou depressimindo as suas qualidades, e sempre com exaggeração. Escriptor houve em Portugal, que, tractando assumptos hygienicos, tanto declamou contra o uso do chá, que estaria inteiramente abandonado se não prevalecesse o habito contra as palavras do adversario. Outros são mais indulgentes; e muitos dos declamadores desmentem com as obras o rigor das suas theorias. Bifes succulentos serão bom almoço para quem faz exercicio corporal durante o dia; e em o nosso paiz é necessario poder almoçar bifes; e na falta destes, açorda, não menos nutriente, será o recurso para os que olham para o cabo d'uma enxada como o instrumento da sua subsistencia. Mas quem ralha do chá talvez se não desse muito bem se curvado sobre uma meza escrevesse desde o despontar do dia até quando o sol occulta ao nosso hemispherio o seu esplendor. *Est modus in rebus*; e em portuguez corrente dizemos, *tudo tem seu modo e termo*. Nós não somos dos que desprezamos inteiramente os preceitos hygienicos; mas tambem não estamos muito dispostos a crer quanto dizem os doutores, em quanto tivermos em nosso abono os poderosos e repetidos testemunhos d'uma diuturna experiencia. Como tractamos destas bebidas, resultantes de infusão, cabe mencionar aqui um dicto muito agudo do celebre Fontenelle. Em certa assemblea, onde o litterato concorrera, esgotava um medico a sua enigmatica verbosidade contra o uso do café, e por conclusão asseverava que esta bebida era um veneno lento; acodi-lhe logo o, então velhissimo, Fontenelle; — É

Tom. II.

verdade, Doutor, e bem lento; eis-me aqui, que ha oitenta annos o tomo todos os dias. — A respeito do uso quotidiano do chá poderiamos citar, como Fontenelle, exemplos de longevidade em nossa propria familia.

Nos Estados-unidos da America, as sociedades de temperança, que trabalham por subtrair o povo ao habito vergonhoso e nocivo da embriaguez, conseguiram em muitas localidades substituir o uso do chá ao das bebidas espirituosas. Com esta mudança se deram bem na execução de trabalhos industriaes de toda a especie; e aquelle povo, mestre, a tantos respeitos, de moralidade para os outros povos, conheceu e exemplificou a influencia desta substituição nas classes miudas.

A origem do uso do chá na China, seu paiz natal, perde-se na escuridão dos tempos; é universal em todo o imperio; tão commum na miseravel chowpana, como no pago imperial. Todavia o que o povo consome é de qualidade muito inferior, e mui fraco; porque os naturaes do paiz, que andavam com a embaixada de Lord Macartney, procuravam com sofreguidão as folhas já servidas, e immergindo-as em agua fria, obtinham melhor bebida do que a sua habitual. Os chinas tomam chá pelo menos tres vezes ao dia; e a gente opulenta muitas mais. É logo oferecido a qualquer pessoa que entra em suas casas, e é circumstancia essencial nas suas ceremonias religiosas. Na China, o preparam como nós, mas sem o addiccionamento de leite ou de assucar.

No Japão, onde o chá é tambem uma bebida muito commum a todas as classes, o reduzem a pó extremamente fino; as taças, ou chavenas, estão cheias d'agua a ferver, e em cada uma deitam, com a ponta d'um canivete, uma pitada deste pó, o qual é conservado em caixinhas muito aceadas e elegantes.

O chá introduziu-se na Europa por especulação commercial, e ao principio como um objecto de lu-

xo, e muito caro. Em 1667, uns poucos de arrateis de chá eram um presente digno de offerter-se a um monarcha: nesta epocha a companhia ingleza das Indias Orientaes deu pela primeira vez ordem aos seus agentes de mandarem ao rei Carlos 2.^o cem libras de chá; e diz-se que as primeiras foram vendidas a 12:000 réis cada uma. Todavia este commercio não prosperou logo em Inglaterra. No começo do seculo 13.^o o consumo não excedia a oitocentos mil arrateis, e só chegava ás jerarchias poderosas e opulentas; mas por tal modo se diffundiu o gosto e o uso desta bebida; e tanto cresceu a importação, que em 1831 entraram naquelle paiz acima de vinte e seis milhões d'arrateis de chá.

O arbusto, que produz o chá é sempre virente, e tem suas parecenças com a murta. Varia na altura de tres a seis pés; supporta climas muito differentes, e tanto se dá na proximidade de Cantão, onde o calor é insupportavel, até ás vezes para os naturaes do paiz, como juncto a Pekim, onde o inverno é em muitos annos assás rigoroso. Porém, na provincia de Nankim, clima médio entre os dois extremos, que mencionámos, se colhe o chá da melhor qualidade. A maior parte do que vem aos mercados de Cantão, e se vende aos europeus, é cultivado pelos industriosos habitantes da provincia montanhosa de Fokien. Contaram alguns viajantes, e muitos acreditaram, que as melhores especies do chá cresciam em serranias escarpadas em paragens inacessiveis, e que os chinas perseguindo e provocando ás pedradas os macacos, que alli habitam, conseguiam com esta industria que os animaes incitados lhes corresponsessem com ramos e troncos arrancados d'aquelles arbustos; unico meio porque os podiam haver. Porém este conto ridiculo por si mesmo se refuta; sabendo-se que não é esta uma planta espontanea e bravia, mas que precisa da industria humana para ser melhorada.

O arbusto do chá, ou arvore, se a quizerem assim apellidar, propaga-se de semente. Esta operação se reconhece na primeira estampa que damos neste jornal. Semea-se quasi como nós usamos com o feijão para as latadas das hortas, porque os chinas abrem buracos a distancias eguaes em regos parallellos, e regularmente proporcionados ao chão do cultivo, e em cada covinha vão deitando de seis até doze sementes do chá, das quaes não nasce mais da quinta parte pelo ordinario, e por isso é necessaria esta quantidade de semente. Regam depois cuidadosamente até germinarem as plantas, e começarem a desenvolver-se, mas uma vez nascidas não precisam de mais cultura: todavia o fazendeiro intelligente todos os annos lhes amanha a terra, e lhes monda as hervas nocivas. No fim de tres annos de nascidas tem logar a primeira colheita das folhas, que são muito superiores na qualidade e abundancia ás das seguintes safras: aos sete annos tem os arbustos chegado á sua altura completa, que regula pela estatura ordinaria d'um homem, com leves modificações: então já a folhagem é rara, e encorreada, por isso cortam-se pelos pés, e logo no verão seguinte brotam grandissimo numero de rebentões novos; comtudo proprietarios ha que differem esta operação para mais tarde, deixando que as arvores completem dez annos.

As folhas do chá não se apanham uma só vez por anno, e fazem-se tres e ás vezes quatro colheitas em cada um, no intervallo que decorre dos fins de Fevereiro até Agosto, segundo o nosso modo de dividir o tempo. A producção da primeira apanha é a mais estimada, e conhecida na China pelo nome de chá imperial, deste não sae para a Europa, e todo o que se exporta por Cantão procede das ultimas colheitas, mais ou menos lotadas,

Apanham os chinas e japões o chá com precauções em extremo minuciosas; as folhas são tiradas uma a uma, e exigem excessiva limpeza nos que se dedicam a este impertinente trabalho. Porém não obstante a morosidade que trazem consigo estes methodos, cada obreiro póde colher de dez até quinze arrateis de chá em um dia.

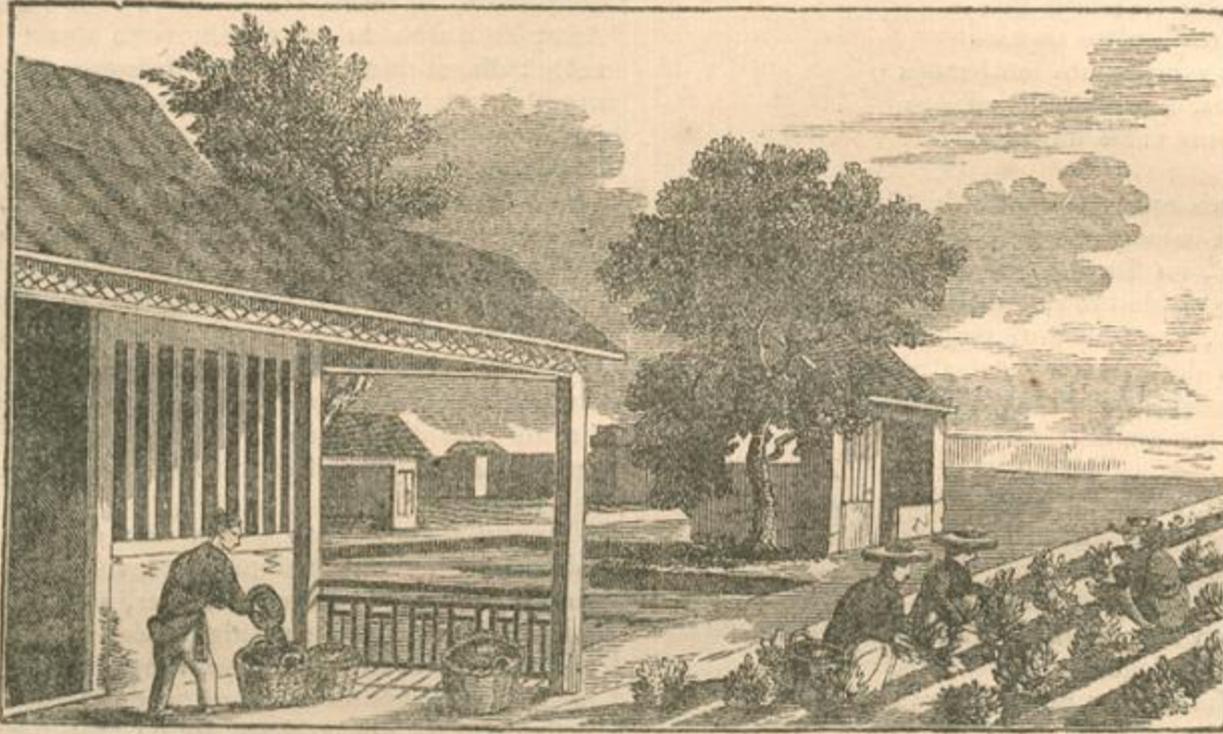
No Japão, juncto d'uma cidade chamada Utsi, existe um cabeço, ou monte, onde julga o povo da terra que se dá o chá de mais exquisito sabor, e por isso todo o daquelle districto é reservado para gasto da casa imperial: cercaram com largos fossos este logar privilegiado, e só aos guardadores daquelle tapada é licito transpor a barreira com os obreiros selectos para o cultivo, ou apanha. Os arbustos de chá, que alli se criam, são tractados com o maior melindre, e com immensas cautelas, para os resguardar da intemperie das estações, nem poeira lhes consentem para não embaciar o mimoso esplendor da folhagem. Os trabalhadores destinados á colheita, semanas antes de a começarem, são alimentados com iguarias escolhidas, temendo que a influencia do mau halito, gerado pelas comidas grosseiras, prejudique ás folhas. Practicam aquelle trabalho com luvas calçadas, e são obrigados a banharem-se tres vezes ao dia. Emfim são taes as precauções que tomam a este respeito, que parecerão incriveis a quem não tiver conhecimento da indole, superstição, e voluptuoso fausto de muitos povos da Asia.

O chá no Japão e na China faz-se por infusão, quasi como o tomam os europeus, e em muitas provincias d'aquelles imperios serve de salutar correctivo á má qualidade das aguas: porém os tartaros o preparam d'um modo particular; antes que as folhas estejam inteiramente seccas, as humedecem com um liquido levemente glutinoso, que dizem ser o soro do sangue de carneiro, e então as comprimem em moldes, donde saem compactas em fórma de tijolos, muito maiores que paus de chocolate. Todos os tartaros, que habitam desde as fronteiras russas até o oceano oriental, usam do chá assim preparado: quando o querem beber, raspam uma porção daquelle pasta, e a fervem com agua bastante em uma tigella, adubando com manteiga, flor de farinha, e leite. Este modo de tomar chá parecerá extravagante em relação ao habito, em que estamos; porém alguns europeus, que o provaram, affirmam que não é desagradavel ao paladar.

O chá exportado da China tem no commercio varias denominações, que omittimos por muito conhecidas; isto deu logar a julgarem alguns que a arvore do chá tinha varias especies, e que, pelo menos, a do *chá verde* não era a mesma do *chá preto*, hoje porém é opinião quasi geralmente recebida que não ha mais d'uma especie, cujas variedades, pequenas em numero, apenas consistem em algumas ligeiras e pouco distinctas variações nas folhas. E' verdade que Linneu tinha estabelecido duas especies; e o Padre João Loureiro na sua *Flora Cochinchinensis*, publicada pela nossa academia, tambem descreveu especies distinctas; porém, dada a existencia destas, reputa-se que não entram no commercio, e que o chá vendido aos europeus provém d'uma só especie; porque dizem uns que as folhas novas dão o *chá verde*, e as velhas o *chá preto*; e outros affirmam que a differença na côr e qualidade procede tão sómente do grau de calor, empregado no processo de seccar as folhas, pelo modo que em outro artigo diremos: Mr. Clarke, auctoridade de muito peso, diz: "Não póde duvidar-se de que as folhas seccas a um calor brando conservarão mais da sua côr primitiva, e das suas qualidades peculiares, do que as que experimentarem mais subida tem-

peratura: tanto os chinas como os europeus attribuem por este motivo maior força ao chá verde. Accrescentarei que o chá mais forte, que eu provei na China, é o que chamam Yu-tien, usado em occasiões de solemnidade. Este apenas tinge mui levemente a água; e observando-o eu para distinguir a configuração das folhas, achei que consistia meramente em botões ou

gomos mal-abertos da planta. — A chimica destruiu a opinião dos que julgavam que as folhas eram naturalmente escuras, e se faziam verdes seccando-as em bandejas de cobre. Póde tambem ser que as differenças provenham da variedade dos terrenos, e dos modos do cultivo; porém os chinas ainda não reuelaram o segredo.



COLHEITA DO CHÁ.

TERREMOTOS EM PORTUGAL.

O TERREMOTO de 1755 foi por tal modo espantoso, que formou uma epocha na historia das nossas infelicidades. O genio de um homem grande apagou os vestigios delle quasi inteiramente, posto que a memoria deste acontecimento esteja ainda viva não só por via da escriptura, como por uma tradição recente. Á lareira, no inverno, nossos avós nos contaram os successos desses dias de horror: descreveram-nos o desabar dos edificios, o lavar do incendio, o inchar do rio, o tumultuar do povo, os crimes da cobiça e do desenfreamento, a separação das familias, a viuvez das mulheres, a orphandade dos filhos, a miseria de todos; e depois uma cidade, havia pouco cheia de vida, de commercio, de gosos, de formosura, convertida em um amplo cemiterio; mas cemiterio sem campas, sem cruzeiros, sem cyprestes, sem flores, e em vez de tudo isso cuberto de paredes derrocadas, de columnas ennegrecidas, de alfaias despedaçadas; cemiterio, enfim, a que tal nome só cabia por seu silencio e tristeza, e por esses milhares de cadaveres que nelle jaziam sepultados debaixo de montões de ruinas.

Mas estas memorias tão vivas, e que parecem serão perennes, hão-de esquecer algum dia da lembrança do povo: o tempo as irá consumindo, como consumiu as de outros acontecimentos semelhantes, que em mais remotas epochas experimentou Portugal, e de que apenas teem noticia os que tractam os livros de nossas historias e antiguidades. Estas apagadas recordações de outras eras tira-las-hemos hoje a publico para que se conheça quão terriveis predecessores teve o fatal terremoto, que assolou Lisboa no meado do seculo passado.

Já no tempo em que os romanos dominavam na Hespanha, no 4.º seculo da era christã, um terremoto, que se estendeu pela Sicilia, Grecia e Palesti-

na, correndo as costas da nossa peninsula, causou funestos estragos. Crê-se que então foram separados do continente os rochedos que estão ao mar do cabo de S. Vicente, e se affundiu o continente que unia as Berlengas á costa de Peniche. Desta grande convulsão da natureza nos dão testemunho Anziano Marcellino e Paulo Orosio.

Nenhuma noticia encontramos de outro acontecimento semelhante até o reinado de D. Diniz, em que um tremor geral aballou toda a Europa. O livro da Nôa de Sancta Cruz de Coimbra diz fôra este terremoto violento; mas nenhuma outra circumstancia menciona senão o ter sido ao romper d'alva do dia 22 de Fevereiro de 1309.

Reinando em Portugal D. Affonso 4.º, no anno de 1344, um grande tremor se fez sentir em Lisboa. Andava então elrei malavindo com o bispo do Porto e este fugido. Aproveitou-se o papa da occasião para escrever a elrei dando o phenomeno como um signal da colera do ceu: é desse breve que consta o successo, de que não achámos menção na chronica deste rei. O que, porém, referem os nossos historiadores é que passados doze annos, em 1356, tremera a terra violentamente em certo dia por mais de um quarto de hora, chegando a tocar os sinos das egrejas sem outro impulso mais do que o movimento do chão. Em Lisboa caíram muitos edificios e abriu de alto abaixo a capella-mór da sé. Os tremores de terra continuaram a sentir-se por varias vezes por espaço de quasi um anno.

Parece que no seculo 15.º nenhum phenomeno desta especie appareceu em Portugal: ao menos, os historiadores dessa epocha não fazem disso a menor menção. Logo, porém, no principio do seculo 16.º Portugal pagou bem caro esse repouso que a natureza lhe concedeu por quasi duzentos annos.

Já em 1512 tinha havido em Lisboa um aballo de terra em que muitas casas caíram, e algumas pessoas

pereceram. Deste caso dá notícia Garcia de Resende na sua Miscellanea.

1512 Vi que em Lisboa caíu
da costa grão cantidade,
duas ruas destruiu,
duzentas casas sumiu,
foi grão temor na cidade.
Aquestes tremores taes
E outros muitos signaes
vemos sem termos lembrança
de deus, nem fazer mudança
de nossas vidas mortaes.

Mas o mais espantoso foi o de 1531. Os movimentos da terra começaram a 7 de Janeiro, e duraram por 50 dias, no fim dos quaes um terremoto, talvez não inferior ao de 1755, assolou a cidade. Da citada Miscellanea, por ser mui pouco vulgar, extraímos a descripção desta terrível catastrophe. Depois de referir os diversos ameaços que houve, maiores e menores, conclue assim:

Gretas, buracos fazia
a terra, e se abriu;
agua e arêa saía
que a enxofre fedía;
isto em Almeirim se viu;
e porque logo vieram
grandes chuvas que choveram
e alguns dias duraram,
as aberturas taparam,
que nunca mais pareceram.
Todos com medo que haviam
deixaram casas, fazendas;
nos campos, praças dormiam,
em tendilhoens e em tendas;
casas de ramas faziam,
.....
Dous mezes assi stiveram,
Na mor força do inverno;
Aguas, ventos sostiveram,
tormentas, trovoens soffreram,
bradando por Deus eterno.
.....
Tambem se sentiu no mar:
sem vento mares se alçaram;
navios foram tocar
com quilhas no fundo dar,
como perdidos andaram
.....
Muros e torres caíram,
villas, paços, moesteiros,
igrejas, casas, celleiros,
quintas, e as mais abriram.
Non caíam pardieiros:
pedras se viam rachadas,
e cousas de muitas sortes,
quanto mais rijas, mais fortes,
tanto mais espedaçadas.
Infinda gente morreu;
grandes perdas receberam;
grande perda se perdeu;
muitos má morte morreram,
porque de noite aqueceu [aconteceu].

Este terremoto estendeu-se por todo o reino; mas a provincia que mais soffreu foi a Estremadura, onde ficaram arrasadas povoações inteiras.

Passada esta tormenta, não foi larga a bonança: no anno de 1551, a 28 de Janeiro, viu-se a atmosphera incendiada em fogo; caíu chuva que parecia de san-

gue [*], e sobreveio um terremoto que arruinou em Lisboa duzentos edificios, morrendo debaixo das ruinas mais de duas mil pessoas.

Cabe aqui mencionar um acontecimento que neste mesmo seculo succedeu em Lisboa, e que, posto não fosse um terremoto geral, procedeu provavelmente das mesmas causas que tem produzido estes. O monte de Sancta Catharina era d'antes um promontorio sobranceiro ao mar e corria unido com o das Chagas. A 22 de Julho de 1597 pela volta das 11 horas da noite, dizem que um homem desconhecido começara a gritar por aquelles sitios, que fugissem todos por que o monte se ía subverter. E' provavel que esse desconhecido fosse alguem que sentisse tremer a terra, que os demais moradores daquelle bairro não perceberiam por estarem mergulhados no somno. O certo é que todos fugiram para outros pontos da cidade, e passado pouco tempo subverteu-se a extremidade do monte, e se dividiu este, affundindo-se tres ruas que alli havia com cento e dez edificios. Submergiu-se tambem uma calçada que descia para o rio, bem como um caes de pedra que juncto deste havia. A subversão foi tal que de tudo isto nem mais um fragmento appareceu.

Passou mais de um seculo sem que em Portugal sobreviesse terremoto algum notavel, salvo em 1699 em que houve repetidos tremores, sem que delles resultasse comtudo damno algum de importancia. Mas no anno de 1719 uma nova repetição deste terrível phenomeno appareceu no reino do Algarve.

Eram 6 de Março desse anno: uma hora antes de nascer o sol, estando a lua eclipsada, sentiu-se na villa de Portimão certo ruido que vinha da banda do mar: seguiu-se a este ruido um tremor furioso, que durou tres ou quatro minutos, e arruinou casas, egrejas, e muralhas. O terremoto estendeu-se por outras povoações daquelle provincia, onde tambem causou grandes damnos.

Ainda se conservava vivissima na memoria dos habitantes do Algarve a lembrança deste successo; ainda os signaes delle estavam estampados nas arruinadas paredes de muitos edificios, quando, no anno de 1722, uma nova catastrophe da mesma especie veio causar novas ruinas: aconteceu esta a 27 de Dezembro. O tremor começou no cabo de S. Vicente e foise estendendo pelo resto da provincia. As povoações que mais soffreram foram Portimão, Albufeira, Loulé, Faro e Tavira. Este terremoto produziu ainda maiores estragos que o antecedente: morreram muitas pessoas, e innumeraveis edificios desabaram ou ficaram inhabitaveis.

Desde então até o grande terremoto de 1755 nenhum outro soffreu Portugal, á excepção dos pequenos e frequentes aballos, a que está sujeito o solo em que habitamos.

CISTERNA MARAVILHOSA EM LISBOA.

DAMOS o seguinte extracto de uma obra pouco lida; porque nos parece de summa curiosidade; cumprindo comtudo dar bastante desconto á narração, que o mysterioso do objecto faria de certo exaggerar, ainda que o auctor do livro diz ser testemunha ocular do que descreve. Por ventura se poderiam fazer actualmente indagações ácerca da materia, as quaes por certo despertariam a attenção publica.

Defronte da porta do castello de Lisboa, chamada d'Alfôfa estão umas casas que foram do desembarga-

(*) Estas chuvas de sangue geravam grande terror nos antigos, porque ignoravam a causa deste phenomeno. Hoje em qualquer tractado de meteorologia se encontra a explicação delle.

dor Manuel Pinto de Mira Estas casas teem um quintal com parreiras e muro para a parte do seminario de S. Patricio, e nelle uma pequena estrebaria, na qual tem uma cisterna [que tal não é, nem foi, nem será facil saber-se o seu principio, e o que hoje é]: tem bocal de poço de pedra, que lhe fizeram ha poucos annos; porém mostra que foi achada por acaso, porque a abobada é monstruosa, e mostra que foi quebrada para se ver o que continha: é tão grande, que dizendo-se uma palavra no bocal, a repete o echo inteira e clara, quasi um quarto de hora: tem tanta agua, que nunca com bombas se pôde diminuir e menos esgotar: é tal a sua grandesa, que se crê occupar por baixo a maior parte da cidade, e que vae parar ao mar: este juizo fez um buzio, que andou nella um dia inteiro buscando o cadaver de um moço que nella se affogou; e um sacerdote, que morou nestas casas, desceu pelo bocal atado com uma corda, e um archote acceso; mas apenas viu a grandesa do seu ambito, e a monstruosidade das columnas, assim no numero como na grossura, perdeu o alento e pediu que o subissem logo. Com um prumo se conhece que tem escadas grandes debaixo da agua da parte da rua, onde se presume foi a porta algum dia: nunca diligencia alguma humana pôde descobrir d'onde lhe vem a agua, e aliás com o mais leve chuveiro se ouve dentro tal sussurro, como a corrente de algum caudaloso rio; e é tal a abundancia d'agua que recebe no inverno, que sendo a sua grandesa tal, que certamente occupa por baixo todo o castello, e todo o mais da cidade [como julgou o buzio] trasborda a agua do bocal nesse tempo. Muitos julgam que isto foi o mais celebre templo do gentilismo na Lusitania; outros que a primeira e mais decantada mesquita, e que a entrada era pela rua de S. Crispim. Ignoro que damno lhe fez o terremoto; mas julgo ser a fabrica mais digna da averiguação dos curiosos deste reino, e callo o mais que della contam os que moraram nestas casas. — *Academia dos H. e I.*

CIGANOS. [*]

AINDA hoje os ciganos são numerosos no mundo. Na Hespanha dizem que ha 50 a 60:000: em Inglaterra ha bastantes, ainda que muito espalhados: na Alemanha, Suecia, Dinamarca, Suissa e Paizes-Baixos são já raros: na Italia teem ultimamente diminuido muito. Na Transylvania é onde existem mais; porque n'uma população de 1:720:000 está averiguado que ha 104:000 ciganos. Não será exaggerado avaliar os ciganos da Europa n'um milhão d'almas, os de Africa em 400:000, os da India em 1:500:000, e os do resto da Asia em 2:000:000. Daqui podemos inferir que a totalidade da população desta raça orça por 4:000:000 d'almas.

ELREI DE PRUSSIA E O MOLEIRO.

JUNTO a Potsdam, no tempo de Frederico o grande, havia um moinho que embarçava a vista das janelas do palacio de Sans-Souei. Anojado por este defeito do seu domicilio mais estimado, o rei mandou saber quanto o dono do moinho queria por elle. "Por nenhum preço se vende:" respondeu o cabeçudo prussiano: encolerizado Frederico mandou derrubar o moinho. "Elrei pôde faze-lo, diz o moleiro, encolhendo os hombros; mas na Prussia ha leis." — e com effeito poz logo demanda ao monarcha, o resultado da qual foi o tribunal sentenciar Frederico a tornar

a levantar o moinho, e a pagar além disso uma avultada somma ao queixoso, em compensação da injuria a este feita. — Ficou elrei mortificado, mas teve a magnanimidade de dizer aos cortesãos: "Bem folgo de que existam no meu reino leis justas e juizes rectos." — Esta anecdotia anda já mui vulgarisada, mas foi necessario pô-la aqui para se entender o que vamos contar. — Haverá seis annos que o actual chefe da familia do moleiro, tendo herdado aquella pequena propriedade, e achando-se empobrecido por effeito da ultima guerra, que arruinou muitas outras familias, e de tal modo individado que não era possivel desempenhar-se, escreveu ao actual rei da Prussia, lembrando-lhe a negativa que Frederico o grande tinha recebido do moleiro seu antepassado, e declarando-lhe que se por acaso sua magestade quizesse agora comprar a propriedade, elle de bom grado a venderia, nas circumstancias em que se achava. Elrei mandou immediatamente a seguinte resposta, escripta por seu proprio punho.

"Meu estimadissimo visinho: — não posso consentir em que vendaes o vosso moinho: deve este pertencer á vossa familia em quanto houver uma pessoa della; porque isto é uma cousa que está ligada á historia da Prussia. Tenho, porém, muita pena de saber que estaes em más circumstancias, e por isso vos remetto 6:000 dollars [quasi cem moedas] para ordenardes os vossos negocios, visto que entendo que esta somma chegará para isso."

"Tende-me sempre em conta de vosso afeiçoado visinho." — *Frederico Guilherme.*

A PROVA DO DUELLO.

O COMBATE singular, ou duello, remonta sem dúvida á mais alta antiguidade. Nesses tempos barbaros em que reinava a força, devia o combate estabelecer necessariamente, se não o direito, ao menos o predominio. Porém o duello não apparece de fórma alguma na historia antiga com esse character particular e original, que tão eminentemente o distingue na idade média; porque nesta epocha foi não somente olhado como o triumpho do forte contra o fraco, mas tambem o consideraram como o triumpho da justiça e do direito; e considerado por este lado nasceu o duello da superstição. Era tão forte a convicção de que Deus já-mais podia desamparar a causa justa, e conceder a victoria, mesmo sobre a terra, ao mau contra o bom principio, que chegaram a fazer representar o pró e o contra nas questões duvidosas, por dois campeões, e a distinguir, segundo o exito do combate, o que era justo do que era injusto. Daqui veio ser o duello não sómente auctorizado, porém recommendado por leis expressas, pelos juizes, e até o terem-no por sagrado, porque os seus resultados revelavam a justiça divina.

Substituido o juramento por prúvas d'outro genero para diminuir o numero dos perjuros, e sendo tão sómente á nobreza licito o emprega-lo, ficaram-se decidindo todas as questões entre villões por via do combate. Este combate foi com mais especialidade chamado judiciario, quer fosse porque decidia as contendas, quer fosse porque os juizes o ordenavam, e era executado na presença d'elles.

Os combates judiciarios foram instituidos no quinto seculo por elrei Gondebaldo. Os germanos tendo invadido o imperio romano perderam dentro em pouco tempo a singeleza dos primitivos costumes; o rei de Borgonha estabeleceu o duello, para que, dūzia elle nas suas considerações, os nossos subditos não tornem a dar juramentos sobre factos escuros, e não perjurem em factos evidentes.

(*) Veja-se ácerca desta raça o 1.º vol. do Panorama pag. 212.

Desta arte, diz sobre o assumpto Montesquieu, em quanto os ecclesiasticos declaravam impia a lei que permittia o combate, o rei dos borgonhezes considerava sacrilega a que estabelecia o juramento.

O uso do combate generalisou-se em breve tempo, e facil é de conceber que os guerreiros e os nobres o adoptaram com enthusiasmo. Pelo contrario a clerezia clamou contra este novo uso, que parecia subtrahir o povo ao dominio exclusivo da igreja; por quanto o juramento era prestado nas mãos d'um ecclesiastico, nos templos, e sobre os livros sagrados.

O combate, que fôra ao princípio estabelecido como próva nos negocios criminaes, em breve se fez extensivo aos negocios civis. Refere Sigeberto que havendo Othão 1.^o consultado os doutores sobre a importante questão de saber se deveria ser admittida a successão em linha recta, e não tendo obtido resposta alguma formal, fez decidir a questão por meio do duello. O campeão nomeado para sustentar a affirmativa saíu vencedor, e prevaleceu a successão em linha recta. Tambem, na Hespanha, decidiram por via do duello, que o officio divino romano devia ser preferido ao musarabe.

O uso dos combates multiplicou-se prodigiosamente. Carlos Magno o substituiu formalmente ao juramento, em uma das suas constituições. Lê-se n'uma carta de Luiz-o-Gordo [1145] que quando o regedor [prevôt] emprasava alguém e este não comparecia, costumava dizer o regedor: "Mandei-te buscar; desprezaste a minha intimação; dá-me uma satisfação deste insulto," e combatiam. Luiz-o-Gordo poz cõbro a este abuso.

Uma carta de Luiz-o-Moço [1168] prohibe que haja duello pelo pedido d'uma divida que não exceder cinco soldos, [40 rs.] mas no reinado de S. Luiz bastava que a divida fosse de mais de doze dinheiros.

Beaumanoir nos diz que era permittido o alugar um campeão por certo tempo para combater a favor das causas do alugador.

Carlos Magno quiz que não combatessem senão com páus; porém Luiz-o-Pio, permittiu que se servissem de armas, e os páus couberam em partilha aos villões. Os fidalgos combattiam a cavallo uns com outros, mas os villões só podiam brigar ás pauladas; d'onde resultou, diz Montesquieu, ficar sendo o páu o instrumento das affrontas, por quanto o que com elle era espancado, tinha sido tractado como um villão.

Como sómente os villões combatiam com a fronte descuberta, só elles podiam levar pancadas no rosto, e d'aqui resultou ser um bofetão uma injuria atroz, porque quem o levava tinha sido tractado como villão.

Quando algum fidalgo *appellava* um villão, devia apresentar-se a pé com o escudo e um páu. Se acaso viesse a cavallo armado como fidalgo, tiravam-lhe as armas e o cavallo, despiam-o em camisa, e neste estado era obrigado a combater contra o villão.

Permittiam algumas vezes a escolha de um mantenedor ás pessoas que não estavam em estado de propôr ou aceitar combate [os enfermos] porém para que o campeão mais se interessasse em defender o seu cliente cortavam-lhe a munheca se ficava vencido.

Uma mulher não podia combater; era-lhe preciso escolher um campeão. Para provocar a combate devia ter auctorisação de seu marido; porém sendo *appellada* podia defender-se sem auctorisação. Um servo podia combater com outro servo, contra uma pessoa isenta, e até contra um fidalgo, sendo provocado; mas se o servo fosse o appellante, podia o fidalgo regeitar o combate.

A igreja queria que aos seus servos coubesse a prerogativa de combater contra toda a casta de pessoas.

Eis-aqui as formalidades observadas nestes comba-

tes: apresentava-se o accusador ante o juiz, e declarava que fuão commettera tal acção; o accusado sustentava o contrario, depois dizia ao accusador que mentira, e então ordenava o juiz o combate, de modo que a acção de desmentir vinha provocar o duello.

Logo que alguém se obrigava ao combate, não podia desdizer-se sem soffrer uma pena prescripta na lei. Marcado o dia do combate, eram conduzidos os campeões, depois do meio dia, á audiencia do juiz, apercebidos de coiragas ou de cotas de malha, com os seus escudos e páus com pontas de chavelho, armados de panno, de coiro, de laã, e de estopas. A laã e as estopas serviam para defender as pernas, o panno ou o coiro para com mor facilidade manejarem os páus. Podiam ungir-se para tornar os membros mais flexiveis, e cada um dos combatentes devia ter o cabello cortado até abaixo das orelhas. Levavam-os depois ao campo, onde estavam outros cavalleiros nomeados pelo juiz e incumbidos de regular o combate. Então declarava um alabardeiro em altos brados: *Nenhum dos assistentes, pena de morte e mutilação, seja tão ousado que dê ajuda ou faça damno, por feito ou por dicto, aos campeões.* O que violava esta prohibição, que era chamada paz de elrei ou do senhor, era condemnado a pagar vinte vaccas de multa. Algumas vezes era inteiramente corporal a pena imposta; e quando a victoria se ganhava por estranho auxilio, era quem o dava punido de morte.

Antes de travar combate, os dois contendores de mãos dadas, o provocador da direita e o accusado da esquerda, punham-se de joelhos, e por esta occasião lhes perguntavam os nomes de baptismo, se criam em Deus Padre, Filho, e Espirito-Sancto, e na doutrina da sancta igreja. O accusado tomava depois os sanctos por testemunhas da sua innocencia, o outro campeão persistia na accusação, e tornava a ser desmentido. As partes davam juramento de não terem sortilegio algum que podesse valer-lhes ou prejudicar o adversario, e recebendo o escudo e o páu travavam o combate.

O campeão que succumbia carecia de justiça, e logo alli o declaravam falsario.

Ao combate judiciario tambem se dava o nome de *appello*, e segundo uma lei muito antiga podia um villão em certos casos appellar de seu senhor, assim em sentença dada contra elle, como contra os seus antepassados, cujo herdeiro era.

Antes da introdução do direito romano não havia o recurso de appellar para um tribunal superior, porém chamavam ao combate os pares [juizes] que em nome do Senhor haviam proferido a sentença, sendo obrigado o appellante a combater contra todos elles, quando se offereciam para fazer bom o julgado.

Algumas vezes não era licito combater se não com o juiz provocado, e este devia defender-se ou pagar 60 libras ao senhor de quem era ministro. Se o appellante não podesse provar por meio do combate a injustiça da sentença, pagava ao senhor sessenta libras, outras sessenta ao par appellado, e egual quantia a cada um dos que tinham prestado o seu consentimento á sentença.

Podiam ser desafiados os pares e não o senhor, por que desafia-lo fôra commetter crime de rebeldia; porém quando o proprio senhor era quem tinha pronunciado a sentença, elle proprio devia sustentar a appellação. Nem todas as appellações se decidiam por meio do combate; havia nisto algumas excepções. Um homem condemnado á morte por crime provado não podia appellar, e facil é conceber o porque.

O combate judiciario, abolido em parte por S. Luiz, foi totalmente supprimido por Philippe o Bello em 1303; e depois sómente ao rei, ao conselho d'estado

ou ao parlamento era dado o permittir-lo. Henrique 2.^o permittiu o combate entre Jarnac e Lachataigneraye; e o parlamento, em 1385, auctorisou o do senhor de Carouge contra Jacques Legris.

Mas foram estes os dois unicos combates judicialmente permittidos depois da prohibição de Philippe o Bello. O ultimo admittido na Inglaterra teve logar na camara pinctada, no sexto anno do reinado de Carlos 1.^o, entre lord Rey e David Ransey, escudeiro.

ANECDOTA DE BAUTRU.

A RAINHA Maria Theresa, algum tempo depois do seu casamento com Luiz 14.^o obrigou Bautru a apresentar-lhe sua mulher, o qual se desculpou de o fazer allegando ser ella muito surda; mas cedendo finalmente levou consigo a condessa, a quem capacitára de que a rainha ouvia com muita difficuldade. Esta, abre pois a scena berrando quanto pôde, e madame Bautru responde-lhe no mesmo tom. Luiz 14.^o a quem Bautru confiára o segredo ria como um perdido, até que por fim conhecendo a rainha o engano disse para a sua interlocutôra. "Não é verdade, senhora, que Bautru vos fez crer que eu era surda? Que tratante! tinha-me dicto outro tanto da vossa pessoa."

Bautru nem sempre saía tão bem das suas travessuras. Veio uma manhã o seu laçao annunciar-lhe a visita d'um presidente de Bordeos. Bautru lhe mandou dizer que estava muitissimo doente; o presidente insistiu em querer vê-lo, e Bautru resolve-se a mandar-lhe dizer que morrêra n'aquelle mesmo instante. O presidente, engulindo a péta, quer por força entrar para borrifar d'agua benta o corpo do defuncto, que não tem tempo senão para se metter n'uma cama, e embrulhar-se n'um lençol. Ajoelha o presidente aos pés do leito, faz uma estirada oração, que dura uma boa hora, e deitando a mão a uma bojudá caldeirinha, que estava á cabeceira, segundo o uso d'aquelle tempo, vasa-a, antes de sair, sem deixar uma só gota, sobre o fingido morto.

AS FLORES VORAZES.

N'UMA clara manhã do estio, um pouco antes de nascer o sol, eis-nos sentados sobre um d'esses rochedos pictorescos que entram pelas aguas limpidas do Mediterraneo. A transparencia das aguas permite que descubramos largo espaço do fundo arenoso, que nos rodeia, e em quanto os nossos olhos observam o peixe de escamas prateadas, ou o caranguejo retrogrado, o disco radiante do sol assoma no horisonte. Essa luz intensa que vem subitamente inundar e alegrar a natureza, é como um signal magico que effectua neste fundo arenoso uma mutação de scena, metamorphoseando-o pouco a pouco em brilhante alcatifa de anemonas floridas, que ostentam as mais vivas e variadas côres. O curioso de jardinagem, o mais rico em rainunculos e anemonas se envergonharia da pobreza do seu jardim, se o comparasse com este. D'entre estas vistosas alcatifas de flores que desabrocharam aos raios do sol, eu vos indicarei algumas especies das mais lindas. Eis alli tendes a actinia coriacea, [*actinia senilis*. LIN.] a sua flor, que como a das outras especies, descança sobre um pedunculo muito comprido, tem tres pollegadas de largura, é d'uma linda côr amarella-alaranjada, e compõe-se de duas ordens de petalas assaz curtas, ornadas d'um elegante círculo côr de rosa. Vêde a par desta a actinia purpurea, [*actinia equina*. LIN.] cujas flores são mais pequenas e mais dobradas que as da preceden-

te: as suas petalas mais compridas são de linda côr de purpura manchada de verde. Acolá está a actinia branca, [*actinia plumosa*. CUV.] a sua flor assemelha-se algum tanto a um grande cravo de quatro pollegadas, pelo menos, de largura; as suas petalas, de brilhante alvura, são bordadas de recortesinhos. Além estão, mais adiante, os zoanthos, [*zoanthus*. CUV.] que não differem das actinias senão em terem grande numero de flores reunidas em um tronco common e reptante, e que apresentam as cores mais variadas. As lucernaes [*lucernaria*. CUV.] teem flores singulares, parecidas com um chapéu de sol. Finalmente eu não acabaria se intentasse descrever-vos todas essas brilhantes filhas de Amphitrite, assás amantes do sol, que fecham os calices assim que a menor nuvem se interpõe entre ellas e este astro.

As flores, como sabeis, são o emblema da innocencia, da candura, e de tudo quanto as virtudes da primeira idade teem de mais suave, prerogativa que devem não sómente á sua belleza, mas tambem á innocencia dos seus attractivos. Estudemos estas de mais perto, e veremos se a singeleza dos seus costumes corresponde á idéa que formávamos. Despertados pelos primeiros raios do sol, vem brincar no meio destas flores louçans, crustaceos, mariscos, e peixinhos. Eis que de repente estremece as corollas, agitam-se, e allongam-se as petalas, surprehendem estes azimaesinhos quando vão passando, enlaçam-os e levam-os a uma bocca enorme, que se dilata e os engole. Depois contrahem-se e desaparecem as petalas; encolhe-se, entumece, e desarreiga-se da arêa o pedunculo da flor, e eis que as nossas suppostas plantas, de rojo, revolvendo-se, e nadando, mudam de logar para em outra paragem armarem novas ciladas.

Estes entes phantasticos, que nos pareciam flores innocentes, são animaes vorazes, que occultam a sua perversidade debaixo das mais brilhantes e mais fallazes apparencias. Encontrareis no mundo muitos entes semelhantes, porém que não pertencem, como estes, aos zoophytos acalephos [*]. As actinias teem uma força de reproducção mui pouco inferior á dos polypos, e reproduzem-se egualmente de qualquer porção do corpo que lhe separades.

VIAJAR SOBRE UM RAIÃO.

QUANDO queremos dizer que qualquer pessoa partiu de um logar para outro com extrema rapidez dizemos *partiu como um raio*. Esta expressão exagerrada talvez brevemente deixe de o ser, se a machina de que vamos dar noticia se applicar ás carruagens e diligencias, como se applicaram as machinas de vapor.

Experimentou-se ha poucos annos em Bruxellas certa machina movida por uma força de que a mechanica ainda se não tinha servido. Esta força é o galvanismo, que desinvolve a virtude magnetica no ferro. A nova machina é composta de uma cruzeta de cobre posta horisontalmente, e a cujo lado, no mesmo plano, ha uma pilha galvanica. A barra faz voltar a cruzeta para se collocar entre dois imans, que estão fixos: mas logo que chega a esta posição de equilibrio a corrente electrica muda de direcção, e substitue por uma repulsão a attracção que dirigia a barra. Esta em virtude da rapidez que ganhou, sae da posição de equilibrio, e continua o seu movimento de rotação-sempre para o mesmo lado. As experiencias deram excellente resultado. A machina caminhou mais de uma hora: o seu movimento rapidissimo faz crer que se poderá usar della algum dia para levar grandes pesos; porque é bem sabida a grande ener-

(*) Veja-se o que são zoophytos a pag. 222 do 1.^o vol.

gia que imprime no magnetismo uma corrente galvanica.

HAVEIS de saber que não ha cousa em que tanto se mostre o siso do homem, como no uso dos seus vestidos e na amisade que guarda a seus costumes. Tudo supponho honesto; mas não tenho paciencia para soffrer uns, que vivendo toda a sua vida entre nós, creados com as nossas sopas de vacca, rompendo nossa baeta, e seus borzeguins, por poucos mezes de ausencia, já quando voltam ao reino, tudo delle lhes enfada: uns affirmam que não ha cousa como os *perpões* [gibões] francezes; outros que as botas d'Inglaterra são a melhor cousa do mundo: quaes suspiram pelas casacas hollandezas; taes pelas calças borgonhezas; estes morrem de saudades pela moda de Bruxellas; estes pela espingarda de Londres; aquelles pelo lavor de París; e em conclusão o negocio é posto por elles em taes termos, que nem andar, nem vestir, nem comer se póde já á portugueza. — *Apologos Dialog.* — *Visitas das Fontes.*

AGUA TOFANA.

No SEculo 17.^o a Italia parecia estar convertida em um amplo cemiterio: familias inteiras caíam na sepultura, sem que se podesse dar com a causa de tamanha mortandade: tudo estava cuberto de lucto; e só orphãos e viuvas se viam. Durante cincoenta annos todos os esforços das auctoridades para achar a raiz do mal foram baldados. Emfim esta obra das trévas veio á luz do dia. Toda esta gente tinha morrido envenenada.

O veneno, que tão desapiadadamente se administrava, era certa agua inventada por uma velha chamada Tofania, a qual ella vendia em frasquinhos, e a que dava o nome de maná de S. Nicolau, porque de um lado os vidros tinham pintada a imagem deste sancto. Havia negociado neste genero de industria durante meio seculo, quando foi descoberta. Confessou que só por sua parte tinha ajudado a envenenar 600 pessoas; e em consequencia dos seus depoimentos muita gente de todas as qualidades se achou involvida no seu crime, e grande numero de pessoas soffreram a pena ultima. Toda a Italia andava revolta; muitos tiveram de fugir, e varias pessoas nobres soffreram garrote na prisão. Pareceu que era principalmente usado pelas mulheres para matarem os maridos. A tal agua tofana, nome que tomou da sua inventora, era de tal casta que seis pingos bastavam para causar a morte; mas o seu effeito era muito lento; e por isso não causava suspeitas. O liquido era claro como agua da fonte, e os chymicos nunca poderam assentar em qual era a sua verdadeira composição. N'uma especie de pastoral que o papa publicou em consequencia daquelle caso, diz-se que era agua forte destillada e arsenico: outros asseveravam que era uma solução de arsenico cristalizado. O segredo desse veneno passou para França, onde a marquezia de Brinvilliers se aproveitou delle para matar seu pae e irmãos; além de outras pessoas que se serviram delle contra os seus inimigos: neste paiz breve se poz termo ao mal, queimando-se vivos todos os que se achavam culpados de tão horrivel crime.

Dicto do papa Sixto 5.^o — Henrique 3.^o, rei de França era muito dado a ceremonias e practicas religiosas, talvez mais por hypocresia do que por convicção: a este respeito dizia o habil politico Sixto 5.^o: Eu fiz quanto pude para me tirar da condição de frade, mas Henrique, de França, trabalha bem por vir a parar nella.

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO,

8 de Abril.

- 1320 — Nasce o infante D. Pedro, depois rei de Portugal, o primeiro deste nome: falleceu aos 18 de Janeiro de 1367, tendo de idade 47 annos, e de reinado 10.
- 1605 — Nasce em Valladolid o principe D. Philippe, depois rei; 4.^o do nome em Castella, e 3.^o em Portugal. 9
- 1498 — Vasco da Gama descobre Melinde na costa oriental d'Africa.
- 1508 — Tristão da Cunha e Affonso de Albuquerque vencem os mouros de Socotorá, e tomam posse da ilha.
- 1589 — Thomé de Sousa Coutinho conquista e queima a povoação de Mandra na costa da Ethiopia oriental.
- 1626 — Fallece o celebre Lord Bacon, barão de Verulamio, um dos restauradores da philosophia. 10
- 1519 — D. Alvaro de Noronha, governador de Azamor, assalta e conquista a povoação mourisca de Umbre. 11
- 1357 — Nasce em Lisboa o mestre de Aviz, depois D. João 1.^o
- 1512 — O hespanhol Ponce de Leon descobre a Florida.
- 1713 — Tractado de Utrecht que poz termo á guerra de successão de Hespanha. 12
- 69 — O philosopho Seneca e o poeta Lucano são mortos por ordem do tyranno Nero.
- 1514 — Os portuguezes de Azamor e Çafim derrotam em batalha campal os capitães d'elrei de Fez; seguindo, porém, imprudentemente o alcance do inimigo, são obrigados a retroceder com grande perda.
- 1704 — Morte do celebre Bossuet.
- 1782 — Morte do poeta italiano Metastasio. 13
- 1614 — Luiz de Brito de Mello, toma e destroe as cidades de Baroche e Barbutte pertencentes ao grão Mogor. 14
- 1578 — Nasce Philippe 2.^o de Portugal e 3.^o de Castella. No seu reinado começou a decadencia da monarchia hespanhola.
- 1588 — Destroem os portuguezes o pagode de Tanavez na ilha de Ceilão. Este templo era o mais celebre da India. O edificio tinha uma legua de circumferencia: os tectos eram de cobre dourado, e no pagode havia mais de mil idolos.
- 1696 — Morte de Madame de Sevigné, auctora de uma collecção de cartas familiares, modelos do estylo epistolar.
- 1707 — Batalha de Almanza em que foram derrotados os inglezes e portuguezes pelos hespanhoes e francezes.
- 1767 — São expulsos os Jesuitas de Hespanha, Veneza e Genova.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,